



## **Cultivar o invisível: a relação entre lótus e moradores de Mombuca em paisagens multiespécies**

Lucas Rigo Yoshimura<sup>1</sup>

### **Resumo**

Lótus (*Nelumbo nucifera*) é uma planta que nasce em ambientes alagados. A flor de lótus desabrocha apenas uma vez ao ano. Nas outras estações, manejo, consumo e produção se dão em torno dos rizomas. Sua colheita envolve imergir na lama, sentir as raízes com os pés, percorrer uma rede invisível de rizomas conectados e retirá-la delicadamente da terra com as mãos: uma tarefa artesanal, que tem o tato como um sentido primordial. Lótus e humanos têm se afetado ao longo de milhares de anos, seja no corpo ou no espírito. Nos dias atuais, em meio às grandes fazendas de monocultura de cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto (SP), a comunidade de Mombuca – fundada pela imigração japonesa – produziu técnicas para o cultivo de lótus, representando para parte dos agricultores uma garantia de renda e uma forma de se conectar com suas raízes. Seguindo ideias de Anna Tsing, “somos contaminados por nossos encontros; eles transformam o que somos na medida em que abrimos espaço para os outros” (2022, p. 73). Nesse artigo busco entender de qual maneira a contaminação entre lótus e humanos em Mombuca possibilitou a criação de um mundo compartilhado. Questionando por que esses agricultores plantam lótus diante das dificuldades de manejo da planta, defendo que a motivação para o cultivo não é apenas econômica, mas está relacionada com a noção de identidade e pertencimento da comunidade. Nessa direção, ao alargarmos nossa visão sobre os mundos, conseguimos enxergar as raízes que os sustentam.

Palavras-chave: *Nelumbo nucifera*; lótus; Mombuca; antropologia multiespécie.

<sup>1</sup> Graduação em Ciências Sociais na FFLCH-USP – lucasyoshimura@usp.br.

星とたんぽぽ

(金子みすず)

青いお空のそこふかく、  
海の小石のそのように、  
夜がくるまでしずんでる、  
昼のお星はめにみえぬ。  
見えぬけれどもあるんだよ、  
見えぬものでもあるんだよ。

ちってすがれたたんぽぽの、  
かわらのすきにだアまって、  
春のくるまでかくれてる、  
つよいその根はめにみえぬ  
見えぬけれどもあるんだよ、  
見えぬものでもあるんだよ。

*As estrelas e o dente-de-leão<sup>2</sup>*

*(Misuzu Kaneko)*

*Nos confins do céu azul,  
Como seixos no fundo do mar,  
Submersas até a noite chegar,  
As estrelas ofuscadas pelo sol.  
Você não as vê, mas elas estão lá,  
O que é invisível também existe.*

*O dente-de-leão seco sem pétalas,  
Silencioso na rachadura da telha,  
Escondido até a primavera,  
Suas raízes resistentes estão ocultas.  
Você não as vê, mas elas estão lá,  
O que é invisível também existe.*

### **A espera de um germinar**

Lótus (*Nelumbo nucifera*) é uma planta aquática que nasce em ambientes alagados, cultivada há milhares de anos na Ásia tropical. Suas raízes e rizomas se desenvolvem como uma rede subterrânea embaixo da lama, ligando umas às outras. Por outro lado, seus caules, folhas e flores crescem sobre a superfície da água, de forma que se apresentam secas, sem lama, quase impermeáveis. Ultrapassando os limites do tempo, suas sementes podem passar longos períodos sem germinar, algumas levando mais de mil anos para brotar. As maneiras de cultivo, uso para consumo e para a cura são conhecidas pelas populações do leste-asiáticas há milhares de anos. Seus primeiros registros na literatura chinesa foram entre 1100-660 a. E. C., suas propriedades medicinais por volta de 400 a. E. C. e seu cultivo entre 405-556 E. C., posteriormente surgindo registros de suas formas culinárias (GUO, 2009).

A milenar relação entre lótuos e humanos ilustra o lugar central que a planta ocupa no cotidiano, na culinária, na arte, na literatura e em algumas religiões, anunciando uma *co-constituição* de corpo, mente e espírito. Donna Haraway (2021), contribui para entendermos as transformações vindas dessas conexões. Para a autora, os humanos não

<sup>2</sup>Tradução de Anna Ligia Pozzetti.

são puros, autônomos e isolados das relações com outros seres; as espécies se criam mutuamente através da co-constituição, historicidade, impureza, finitude e complexidade. Isso acontece a partir da *alteridade significativa*, quando os organismos se afetam reciprocamente, criando-se no *signo* e na *carne*.

Podemos observar isso nas religiões de origem asiática, como o budismo e o hinduísmo, que têm a flor de lótus presente em simbologias centrais. Por exemplo, na filosofia budista, a flor de lótus é associada à pureza espiritual. Simbolicamente, o lodo em que as raízes da planta crescem representa as “raízes do mal” – cobiça, raiva e ignorância –, enquanto o florescer representa a iluminação. Por este motivo as figuras budistas sagradas comumente são representadas sentadas sobre uma flor de lótus, o que indica que elas atingiram a pureza espiritual (YÜN, 2019). Estes e outros princípios do budismo estão contidos no texto sagrado *Sutra Lótus*, onde seu nome já implica na preeminência da planta na mente e no espírito dos leste-asiáticos (TANABE, 1989).

Essa relação também é evidenciada na co-constituição física entre lótus e humanos. Os rizomas da planta são chamados popularmente de *raiz de lótus* em português, *renkon* em japonês ou *lián'ou* em chinês. Eles são tubérculos comestíveis, presentes há séculos na dieta de muitas famílias do sudeste asiático, na forma cozida, frita ou no preparo de chás. No início dos anos 2000, Guo (2009) aponta que a raiz de lótus era um dos 26 tubérculos mais vendidos na China, tanto para o mercado interno como para exportação à Coreia e ao Japão.

Ao passar dos séculos, com os processos colonialistas e imperialistas, a relação entre humanos e lótus expandiram seus horizontes. Isso provocou não apenas a popularização da planta para outras partes do planeta como também a construção de paisagens em meio a ambientes não antes imaginados, inclusive de instabilidade e precariedade.

No nordeste do estado de São Paulo, a região metropolitana de Ribeirão Preto é conhecida por paisagens compostas por grandes fazendas de monocultura. Em um primeiro momento, a região se empenhava na produção de café. Por volta dos anos 1940, a plantação de cana-de-açúcar começa a se sobrepôr, alterando o cenário das paisagens. Nesse contexto, a agroindústria canavieira na região é consolidada principalmente pela crise do petróleo e o incentivo à produção de álcool para combustível. Com a fortificação da relação entre produção industrial e agropecuária formam-se circuitos espaciais de

produção canavieira bastante estruturados (SILVA *et al.*, 2017). As proporções da monocultura de cana-de-açúcar foram tão grandes na região que “pode-se percorrer quilômetros sem se avistar outra cultura, formando o que ficou conhecido como um *mar de cana*” (ELIAS, 2003).

Como bem conhecido, latifúndios de cultivo de uma única cultura carregam as consequências do modelo escalar herdado das *plantations*: o pacote que busca promover o crescimento das plantas ao máximo, focado no lucro, também inclui dizimar a diversidade do solo e dos seres circundantes da paisagem, favorecendo um único predador – chamados de “praga” –, o que incita a larga utilização de agrotóxicos e pesticidas. Tsing (2015) encara essa empresa da monocultura como um fenômeno essencial para fundar os “modelos de escalabilidade”<sup>3</sup> e desconfigurar o olhar para as paisagens multiespécies:

“As *plantations* aprofundam a domesticação, intensificando as dependências das plantas e forçando a fertilidade. Tomando de empréstimo da agricultura de cereais promovida pelo Estado, investiu-se tudo na superabundância de uma só lavoura. Mas faltou um ingrediente: removeu-se o amor. Ao invés do romance conectando as pessoas, as plantas e os lugares, os monocultores europeus nos apresentaram o cultivo pela coerção” (TSING, 2015, p. 189).

Quando se retira a diversidade e o amor, esses ambientes indicam caminhos de precariedade e destruição das paisagens, intensificando a crise climática e afetando todo o ecossistema do planeta. Essa precariedade pode ser observada nos dias de hoje, não só em grande escala, como a seca histórica das florestas amazônicas de outubro de 2023<sup>4</sup>, mas na própria região: em setembro de 2021, grandes nuvens de poeira vermelha encobriram o céu de Ribeirão Preto e cidades em entorno, ocasionada pelo desmatamento da vegetação nativa e a consequente estiagem da região – que já é rotineira. Isso provocou destruição de casas, plantações e mortes de pessoas, principalmente nas áreas rurais<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Escalabilidade é “a capacidade de fazer projetos se expandirem sem mudar suas premissas de enquadramento” (TSING, 2015, p. 86), isto é, projetos que não são afetados pelas indeterminações do encontro, afastando a diversidade significativa entre pessoas, espécies e mundos.

<sup>4</sup> Em 2023, a região da maior floresta tropical do mundo enfrenta a maior seca em 120 anos. A motivação disso é o *El Nino*, a crise climática e o desmatamento desenfreado. Estes dois últimos são influenciados pela corrida em direção ao “progresso”, através da garimpagem de metais e o desmatamento em prol da abertura de campos para monoculturas agropecuárias. Ver mais em: <https://www.wwf.org.br/?87003/Crise-climatica-seca-severa-na-Amazonia-e-agravada-por-desmatamento-e-fogo>

<sup>5</sup> Ver mais em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2021/09/26/nuvem-vermelha-de-poeira-cobre-cidades-da-regiao-de-ribeirao-preto-antes-da-chuva-veja.ghtml>

Nesse cenário de precariedade, em meio aos quilômetros de hectares de monocultura de cana-de-açúcar, no município de Guatapará, há uma pequena comunidade tradicional com forte influência de nipo-brasileiros chamada *Mombuca* que apresenta algumas das poucas plantaces de lótus do Brasil.

Essa comunidade tem origem na grande fazenda cafeeira Guatapará, que recebeu alguns dos primeiros imigrantes japoneses que desembarcaram do *Kasato Maru*, em Santos. Entre 1908 e 1923, a fazenda Guatapará recebeu diversas famílias japonesas para trabalharem na colheita de café. Em meio há milhares de hectares da fazenda, a região conhecida como Mombuca apresentava um solo pobre devido às suas características de mata de transio (entre Mata Atlântica e Cerrado) e por ser composta por área de várzea inundada, um potencial causador da malária. Logo, essa área atendia como uma zona periférica de plantio de apoio à fazenda principal, cultivando mandioca e outros produtos para o consumo interno (VIEIRA, 2020). Esses fatores contribuíram para que a primeira onda migratória de japoneses fosse quase posta ao fim pela malária e a circulao para outras regiões.

Após a Segunda Guerra, nos anos 1960, há uma segunda onda migratória japonesa para a fazenda Guatapará. Cerca de 130 famílias vieram de 7 províncias diferentes do Japão (Yamagata, Ibaki, Nagano, Okayama, Shimane, Yamaguchi e Saga) em busca de sonhos e melhores condies de vida (FIGUEIREDO, 2007). Dessa vez, o núcleo colonial teve suporte da *JAMIC* (Colonizao e Imigrao Japonesa LTDA), empresa privada que administrava o mercado migratório nipo-americano. Para produzir um melhoramento de solo na região, a empresa contratou técnicos japoneses, agrnomos e especialistas para implantarem tecnologia e canais de irrigao, destinados aos cultivos de arroz, laranja e cereais. Assim, a imigrao japonesa para a fazenda Guatapará configurou a paisagem de Mombuca até os dias atuais:

“o domínio de técnicas agrícola fez com que a instalao do Núcleo Colonial desse continuidade às características e a vocao do município de Guatapará, que até hoje tem sua base econmica a produo de raiz-de-lótus nos lotes marginais ao Rio Mogi-Guaçu por sistema de irrigao e drenagem por canais, obra idealizada pela frente migratória do pós-guerra. (...) [A comunidade] hoje se mantm economicamente pelos canais de irrigao e drenagem idealizados pelo povo japonês” (VIEIRA, 2020, p. 143).

Atualmente, Mombuca ainda possui cerca de 84 famílias japonesas que integram a comunidade, mantendo uma forte influência nipônica, com costumes e tradições ainda presentes, como a língua, culinária, eventos comunitários, esportivos e de lazer. Essas atividades da comunidade são organizadas principalmente pela Associação Agro-Cultural e Esportiva de Guatapará (A.A.C.E. Guatapará). Mantendo-se ainda como uma comunidade agrícola, Mombuca possui uma de suas principais rendas na agropecuária, principalmente no apoio em torno da plantação de cana-de-açúcar e eucalipto, granjeiros e produção de ovos, cultivo de cogumelos, verduras e legumes de horta. Hoje, esse é um dos cenários do planeta em que o lótus desabrocha suas flores e arraiga suas raízes, construindo paisagens junto aos humanos, pássaros, répteis, insetos e outros organismos.

Desde novembro de 2022 venho participando do cotidiano dos cultivadores de lótus em Mombuca a fim de me aproximar das paisagens emergentes das relações entre lótus e homens e mulheres em meio a precariedade imposta pela monocultura canavieira. Neste artigo, busco entender *as possibilidades de vida comum em paisagens constituídas por lótus e humanos em uma terra perturbada pelos latifúndios de monocultura*. Para isso, investigo *por que, em meio a quilômetros da lucrativa monocultura de cana-de-açúcar e visto às diversas dificuldades de cultivo e manejo da planta, as famílias de Mombuca plantam lótus no Brasil*.

A partir disso, de forma geral, defendo que *a comunidade de Mombuca constituiu paisagens juntos aos lótus não apenas por razões econômicas, mas também através de suas relações entre espécies, ancestralidade e sentimento de pertencimento do grupo*. Ao mesmo tempo como uma herança e uma vontade do presente, os agricultores constroem paisagens multiespécies com os lótus também como forma de fortalecer o contraste com a monocultura local e seus valores, construindo uma resposta de outro modo de vida frente às monoculturas que os circundam e o mundo precarizado que os é apresentado. Assim, implico que as relações entre espécies constroem as identidades dos organismos que delas participam, confluindo em maneiras de habitar um planeta em ruínas.

Nesse sentido, neste texto entrelaço minhas experiências etnográficas com um suporte teórico, principalmente de Anna Tsing. Em um primeiro momento, apresento as paisagens de cultivo de lótus em Mombuca, a relação dos agricultores com a planta e suas formas específicas de manejo, procurando dar luz às contaminações que florescem do encontro entre lótus e humanos na comunidade em suas fases de plantio e colheita. Em

seguida, contextualizo essas paisagens sob outras relações, principalmente aquelas que envolvem ancestralidade e tradição a partir da comercialização de lótu e os eventos culturais da comunidade. Em um terceiro momento, expando os horizontes para entender a inserção dessa paisagem em cenários maiores, como o envolvimento com a monocultura canavieira e os projetos de escalabilidade e não-escalabilidade que os circundam.

Dessa forma, na mesma medida em que a lama cobre as raízes que sustentam os lótu, tornando-as invisíveis, as imperceptíveis paisagens da comunidade de Mombuca perante o mar de cana anunciam um habitar possível em meio às ruínas da monocultura. As coisas invisíveis estão aqui; e elas sustentam os mundos ferazes de hoje.

### **Sentindo as raízes com os pés**

Para chegar em Mombuca há uma paisagem predominante: quilômetros de cana-de-açúcar plantadas à beira da rodovia. Após sair da rodovia, no início da estrada em direção ao centro de Guatapará, encontra-se o distrito de Mombuca.  um bairro rural, com ruas de terra, caixas d’água com escritas em japonês, pequenas plantaes e casas. Além da parte residencial, há um centro do bairro com posto de saúde, escola, comércio e a associação da colônia japonesa. Poucos metros após percorrer as vielas de Mombuca, encontro com meus interlocutores: as plantaes de ltu e seus cultivadores.

Meu primeiro olhar a uma plantao de ltu incitou uma certa magia. Um silêncio predomina o ambiente enquanto pássaros de diferentes cores e tamanhos sobrevoam o campo alagado. Após ter a vista cansada de ver tantos canaviais, mas ainda cercado por eles, deparo-me com outra textura vegetal. Em meio às folhas largas e caules que se erguem sobre a lama, há um senhor camuflado, com seu corpo imerso no brejo, segurando uma mangueira e um recipiente para guardar o *renkon* colhido flutuando na gua.

O senhor Ikiru<sup>6</sup>, de 72 anos, nascido no Japão e vindo para o Mombuca com 11 anos junto de seus pais, cultiva ltu há mais de 10 anos na região. Aposentado, cultiva ltu para se manter ativo, continuar se sentindo vivo e conseguir uma renda extra. Entretanto, Ikiru trabalha poucos dias, em um ritmo próprio que não ultrapasse os momentos de motivação e descanso, que  necessário pelo trabalho pesado do manejo. Normalmente, passa as segundas e terças colhendo e quarta-feira prepara as caixas de

<sup>6</sup> Nome fictício para preservar a identidade do interlocutor. *Ikiru* significa *viver* em japonês, representando a empolgação de viver do interlocutor.

*renkons* para o CEASA<sup>7</sup>, que cuida da distribuição aos vendedores. Na maioria do tempo ele faz a colheita sozinho. Quando consegue, contrata um ajudante por poucos dias, necessário pelo caráter difícil do trabalho.

Atualmente há cinco famílias que cultivam lótus em Mombuca. As plantações são dispostas em quadras de plantio, que são separadas por caminhos. Entre as plantações não há cercamento, os limites entre as propriedades apenas são sabidos. A plantação vizinha de Ikiru é de Hirogaru<sup>8</sup>. Também vindo do Japão, aparenta ser o maior cultivador de lótus da região, tendo seu filho como administrador do negócio. Eles apostaram não só na venda *in-natura*, mas também em comercializar *chips* industrializados. Isso exige uma demanda constante e ajudantes fixos no campo, resultando em uma colheita mais rápida.

O cultivo das raízes pelos agricultores é feito ao longo de todo o ano, porém, ele não é simples: não é possível usar agrotóxicos, pesticidas ou ferramentas de colheita em massa pelas particularidades da planta. As únicas ferramentas utilizadas são um trator pequeno, para arar a terra, uma mangueira, que traz água de um canal de irrigação, com uma faca amarrada na ponta para cavar, e o próprio corpo do agricultor. Além disso, o cultivar se faz através de movimentos que requerem paciência, delicadeza e técnica.

O lótus cresce em uma rede subterrânea extensa de raízes interligadas. Sua colheita consiste em sentir com os pés imersos na lama onde se encontram as raízes, inundar a região com a água da mangueira para amolecer a terra endurecida e, então, seguir com as mãos a rede de rizomas. Só após conseguir decifrar todo o caminho percorrido pelas raízes com as mãos é que se pode puxá-las, delicadamente. Caso contrário, pode-se quebrar ou machucar os *renkons*, tornando-se inaptos para venda e consumo. Em resumo, a colheita do lótus envolve mergulhar na lama, sentir as raízes com os pés, percorrer uma rede invisível de rizomas e retirá-la da terra com paciência e delicadeza. Uma tarefa em que o tato é um sentido central – já que os cultivadores não enxergam os rizomas por estarem embaixo da lama –, tornando a atividade demorada e trabalhosa, literalmente artesanal.

<sup>7</sup> CEASA (Centro Estadual de Abastecimento) são empresas estatais ou de capital misto que tem como objetivo a comercialização e distribuição de produtos hortifrutigranjeiros, peixes e flores.

<sup>8</sup> Nome fictício para preservar a identidade do interlocutor. *Hirogaru* significa *expandir* em japonês, representando a motivação do interlocutor em expandir o consumo de lótus para além da região.



Figura 1: A primeira vista de uma plantação de lótus  
Mombuca, novembro de 2022, acervo pessoal

Uma vez que os rizomas crescem de forma única, com direções, profundidades e comprimentos diferentes, o encontro entre eles e os cultivadores mostra-se inesperado até o arrancar da terra. No final de 2022, Ikiru estava com mais dificuldade na colheita do que seus vizinhos. Isso porque, como geralmente ele colhe sozinho, demora para percorrer todo o campo. Quanto mais tempo o lótus fica no solo, mais o solo endurece e mais fundo suas raízes avançam. Nesse período, a plantação de Ikiru já estava desde o ano anterior na terra, dificultando o manejo. Os vizinhos não tinham esse problema.

Essas características das relações enraizadas na paisagem transformam todos os sujeitos dessa relação. Por um lado, a forma como os humanos distribuem as mudas nas quadras, a disponibilidade de água<sup>9</sup> e o tempo de colher são ações que influenciam a maneira de crescimento do lótus e o surgimento dos animais na paisagem. Por outro lado, o brotamento mais fundo de seus rizomas, a dinâmica da planta de acordo com as estações e a especificidade da própria planta de crescer no brejo também transforma a forma de ser dos humanos, sua relação com o trabalho e com a terra. Através do cultivo e manejo, lótus e humanos se co-constituem, moldando a forma do outro de crescer, habitar e existir.

Essa co-constituição é efetivada no momento em que os seres se transformam a partir do encontro – o que Anna Tsing (2022) chama de *contaminação*. Nessa direção,

<sup>9</sup> Nesta paisagem, a disponibilidade da água é um controle que parte dos humanos – e não estritamente pela chuva – uma vez que a região possui uma forte estiagem anual. A inundação artificial do solo para a plantação de lótus é feita a partir de canais de irrigação, do motor e da mangueira dos cultivadores.

“somos contaminados por nossos encontros; eles transformam o que somos na medida em que abrimos espaço para os outros. Ao mesmo tempo em que a contaminação transforma projetos de criação de mundos, outros mundos compartilhados – e novas direções – podem surgir. Todos nós carregamos uma história de contaminação; a pureza não é uma opção” (TSING, 2022, p. 73)

Nesse sentido, a contaminação não é apenas o encontro de organismos, mas é o que permite que eles se ajudem a sobreviver, construir projetos de mundo únicos e possíveis para si; é uma forma de *colaboração*. A ideia de contaminação enquanto colaboração está ligada pela *precariedade* – um estado de reconhecimento da nossa vulnerabilidade aos outros. Aqui, a precariedade se mostra principalmente pelos latifúndios de monocultura de cana rodeando a paisagem. Assim, a sobrevivência diante das ruínas realizada pelo mercado das *plantations* requer colaboração de outros, seja intencional ou não. Neste cenário, lótus e humanos não apenas se contaminam para colaborar, mas, principalmente, colaboram para sobreviver. Isso é visto na construção da paisagem pelos humanos que possibilita o plantio na região, como inundar a terra artificialmente, por exemplo. Na outra direção, a possibilidade de trabalho e sustento que o cultivo de lótus propicia aos agricultores que se depararam com a impossibilidade imediata de concorrer com os grandes cultivos da região, como o canavieiro.

Além do manejo para a colheita, temos o processo de cultivo circular do lótus em Mombuca, o que eu chamo de *ciclo do lótus*. Ao estar submerso na lama, após finalmente inundar demasiadamente o solo e conseguir arrancar debaixo da terra uma rede de rizomas sem machucá-los, Ikiru os separa em um de seus “barcos” – um barril cortado ao meio – que flutuam no campo alagado. Se, ao puxar, há algum *renkon* pequeno, mas com raízes compridas, ela vira muda para a próxima plantação. Caso algum *renkon* seja machucado no processo de arrancada, ele não poderá ser consumido, então ele é separado da rede e jogado novamente para a lama, servindo de adubo ao próximo plantio. Dessa forma, uma nova plantação não gera gastos monetários com a aquisição de novas sementes. A própria plantação germina a próxima plantação.

As etapas desse ciclo acontecem ao longo do ano, que modificam a paisagem das plantações de lótus de acordo com as estações, transformando também seus habitantes e a forma de trabalho dos humanos. Durante o final do inverno e toda a primavera, a

plantação está baixa, apenas folhas são encontradas na superfície do brejo, facilitando a colheita dos *renkons*. Nesse momento, pássaros grandes estão constantemente pousando no plantio, seja para beber a água, seja para comer os *renkons* e suas folhas.

Em novembro de 2022, havia um número grande de pássaros se alimentando dos *renkons*. Patos, garças e outras aves, por terem bicos maiores, conseguiam alcançar os *renkons* embaixo da terra, como verdadeiros cultivadores. Isso prejudicou a colheita de Hirogaru, que teve de pausar a venda. Ikiru não teve o mesmo problema, já que seus rizomas estavam mais fundo e a terra endurecida, as aves não conseguiam arrancá-los.

As diferenciações de temporalidades do lótus evidenciam essas paisagens como *assembleias polifônicas*, isto é, agrupamentos abertos formados por encontros de várias espécies que influenciam umas às outras, seja reprimindo, comendo, trabalhando juntas ou apenas convivendo (TSING, 2022). A ideia de *assembleia* dá um passo à frente de identidades de espécies, insuficientes, uma vez que “modos de ser são efeitos que emergem a partir de encontros” (*Ibid.*, p. 68). Com isso, na leitura de Tsing, prevalecem os encontros, os quais determinam os modos de vida e maneiras de criar mundos.

Durante o verão, a plantação cresce bastante verticalmente, os caules e as folhas podem atingir quase 2 metros de altura. A única floração do ano ocorre nos meses de janeiro e fevereiro. São flores grandes e graciosas, com pétalas, brancas ou rosas, que se abrem aos poucos, formando camadas – uma imponência artística. Quando totalmente aberta, a flor revela o que está no seu interior: o “chuveirinho”, que contém as sementes.

Olhando de perto, a paisagem virava quase uma “mata fechada”. Nesse momento, outros agentes entram em cena. Há relatos de animais maiores, como sapos e cobras. Os pássaros pequenos tomam conta da paisagem, equilibrando-se facilmente no topo dos caules. Insetos também se espalham sobre o brejo sombreado pelas folhas.



Figura 2: O desabrochar das flores e seus visitantes  
Mombuca, fevereiro de 2023, acervo pessoal

A flor, quando colhida, se sustenta por poucos dias. Pela altura da plantação – que dificulta que os agricultores puxem os *renkons* – e o encontro mais frequente com animais perigosos, como cobras, nesse período Ikiru interrompe a colheita. Esporadicamente, fotógrafos e caravanas de *Ikebana*<sup>10</sup> visitam as plantações para tirar fotos ou coletar flores para seus arranjos. Nessas ocasiões, Ikiru tem orgulho de mostrar a plantação e auxiliar na coleta.

De janeiro a março, durante a floração, Ikiru tira férias. Entretanto, há algo invisível que ele permanece cultivando com os lótus, já que ele poderia passar o trator sobre o campo florido e não interromper a colheita. Ikiru aguarda o final da época de floração, evidenciando que sua motivação não é apenas econômica. A presença das flores incita um outro cultivo, na mente e no espírito dos cultivadores e das pessoas da região.

No outono, os agricultores passam o trator para cortar os caules altos e retomar a colheita dos *renkons*. Os pássaros grandes voltam e a paisagem muda. No inverno, faz-se a colheita de áreas replantadas, mas também há a presença de caules e folhas secas.

Nesses movimentos, pode-se observar que seus participantes não se co-constituem somente; eles constroem uma paisagem comum. Nesse entremeio, cada organismo encontra seu *próprio tom*: possui seu próprio ritmo de existir, o qual é aperfeiçoado quando articulado com outras espécies, não somente por meio da colaboração entre eles, mas também nos embates e os perigos que delimitam as agências. Assim, as assembleias são reuniões de ritmos, de fazer-mundos entre espécies com suas temporalidades distintas, a partir da sobreposição de formas de viver na construção das paisagens (TSING, 2022). No cenário com o qual estamos germinando, ainda que lótus, animais e humanos possuam ritmos e características diferentes, todos confluem juntos para a construção de um mundo singular, que não só abarque todos, mas os transformem, possibilitando o viver.

<sup>10</sup> Ikebana é uma arte japonesa de arranjos florais, com técnicas bem definidas. As caravanas que visitam Mombuca na época de floração são majoritariamente compostas por mulheres de cidades da região.



Figura 3: O movimento da paisagem  
Mombuca, novembro de 2022; fevereiro e julho de 2023; acervo pessoal

### **Tinsagu nu hana<sup>11</sup>**

Como foi visto, as flores de lótus não são o foco comercial dos agricultores de Mombuca, sendo este voltado aos *renkons*. Os tubérculos são cultivados ao longo de quase todo o ano, alinhando-se ao consumo contínuo. Pela forte influência japonesa na comunidade, é uma tradição se alimentar de *renkons* no dia a dia das pessoas da região.

Com a presença de uma colônia japonesa ativa até os dias de hoje, a Associação Agro-Cultural e Esportiva de Guatapará (A.A.C.E. Guatapará) promove alguns eventos com foco em manter a tradição nipnica para as futuras gerações. Em julho de 2023, visitei um evento importante da colônia japonesa e da comunidade em geral: a “Festa da Colheita e 61 Aniversário da Colnia de Guatapará”, que é organizada pela associação. Esse evento anual é bastante conhecido na região, atraindo pessoas de outras cidades.

Ao entrar no evento, me deparo com diversas barracas de artesanato, legumes e verduras, plantas, brincadeiras e um palco, onde há apresentações artísticas com pessoas da própria comunidade e convidados. Em outro ambiente, há uma praca de alimentação com diversas barracas de comidas – de origem asiática, mas “abrasileiradas” –, bebidas e doces. Em um terceiro espaço, há uma exposição de escrita japonesa, artesanatos e cultivos colhidos pelos agricultores da comunidade, em que a diretoria da associação premia os melhores cultivos expostos.

<sup>11</sup> *Tinsagu nu hana ya chimi sachi ni sumiti / Uya nu yushi gutu ya chimu ni sumiri* (Assim como as unhas ficam tingidas pelos pigmentos das flores de bálsamo / Meu coração  tingido pelos ensinamentos de meus pais). *Tinsagu nu Hana*, música tradicional okinawana.

Com o intuito de seguir o lótus pela festa, me deparei com ele em 4 momentos: em uma barraca apenas de lótus, vendendo diversas formas de *renkon* para o consumo – na qual pessoas de outras cidades falavam que o *renkon* de Mombuca é diferente; *renkon* cozido era acompanhamento de alguns pratos vendidos da praça de alimentação; havia artigos de decoração com o lótus como protagonista, como enfeites do salão; e, o lótus estava na exposição de cultivos, tanto uma rede de raízes *in-natura* quanto um aquário com um lótus plantado. As pistas do lótus nesse evento mostram como ele é parte do imaginário da comunidade, circula entre os moradores e para além da região.



Figura 4: Seguindo os lótus na Festa da Colheita Mombuca, julho de 2023; acervo pessoal

Mas como tudo isso começou? Como os lótus chegaram no interior do estado de São Paulo? Na década de 1960, a *JAMIC* (Colonização e Imigração Japonesa LTDA), empresa privada que dava suporte para a fixação das pessoas nos países de destino, atuou na segunda onda migratória japonesa para a região (VIEIRA, 2020). Ela trouxe técnicos japoneses para construir estruturas de cultivo, como os canais de irrigação que existem até hoje, e trouxe os lótus. Nesse cenário, o professor de agronomia de Ikiru foi quem surgiu com as primeiras sementes e incentivou o cultivo. É a partir dessa dinâmica que alguns dos principais cultivos da região chegaram em Mombuca. Após as raízes se firmarem no novo solo, a comunidade se incumbiu de torná-las ferazes.

Portanto, estamos diante de uma paisagem que está sendo cocriada entre diversas forças de diferentes tipos, e a tradição herdada não deixa de ser um deles. Em busca de entrelaçar a contribuição da natureza e da cultura na construção de projetos de habitar,

considerando que a oposição transcendental entre elas já foi bastante criticada pela antropologia, penso junto a Claude Lévi-Strauss. Para ele, essa relação está na atribuição de sentido, uma vez que cada sociedade escolhe certos fenômenos naturais e seres para dotá-los de significação. Isso porque a natureza oferece tantos materiais para a reflexão que só é possível compreender uma parte deles. Assim, os elementos percebidos pelos grupos se organizam em sistemas que formam um todo coerente.

Nessa direção, Lévi-Strauss (1986) apresenta duas proposições que atuam na vida social e na produção simbólica: (i) as ideias impostas nas socialidades são frutos de uma acumulação ao decorrer das gerações; e (ii) cada época é influenciada pelas condições técnicas, econômicas e do meio ambiente no qual o grupo está inserido, mas não só. Portanto, para o autor, a tradição e a condição socioambiental são dois de alguns dos fatores importantes para a produção dos símbolos e, conseqüentemente, do grupo social e seus projetos de fazer-mundos.

Dessa forma, como as condições socioambientais influenciam a produção de símbolos, implica-se que a “natureza” não é totalmente passiva sobre a ação humana, apresentando uma certa agência nas relações interespecíficas. Por mais que a colheita das raízes de lótus para o consumo tenha forte relação com a tradição – como vimos na forma como ela chegou na região e sua presença na Festa da colheita –, as próprias especificidades da planta também contribuem nesse debate: elas apresentam condições para os cultivadores, incitando a forma de manejo, os materiais a serem utilizados, etc.; sendo também sujeitos na construção das formas dessa relação contaminada.

Portanto, Lévi-Strauss nos mostra que a relação entre o ambiente e a produção simbólica – ou entre a natureza e a cultura – não é imposta em um sentido único, de causa e efeito, mas é uma relação dialética. Isto é, a natureza cria condições da relação enquanto a cultura também condiciona essa relação em um todo coerente, evidenciando a decomposição do que um dia já foi uma fronteira dualista, *a priori*, transcendental.

Mas a tradição não é abraçada de forma integral, sem reformulações. Para refletir sobre isso, podemos pensar sobre a comida na imigração: há diferenças no preparo, na disponibilidade de ingredientes e formas de consumo quando comparados ao local onde se originou. Os novos contextos exigem dos imigrantes adaptações ao replicar suas receitas de infância, como é bem destacado na Festa da Colheita. Entretanto, ainda é possível identificar um fio condutor que remete à tradição: a comida não é completamente

outra. O que se mantém é a *relação* que se estabelece com os alimentos e com o comer (MINNAERT, 2018). Minnaert, ao explorar a comida na diáspora chinesa em Salvador, afirma que há uma relação dialética entre o novo e o velho, investigando como a comida é transferida para um diferente contexto imigratório:

“Na sua comida, os chineses revivem suas memórias, resistem. Mas é esta mesma comida que os ajuda a construir seu lugar no novo território, que os ajuda a construir uma nova vida e criar seus filhos. Na construção de uma nova cozinha chinesa na diáspora, se dá a construção do futuro, onde o novo e velho se mesclam, onde os limites são fluidos e as fronteiras entre o eu e o outro se confundem.” (*Ibid.*, p. 152)

Assim, a presença do consumo costumeiro de *renkons* em Mombuca, principalmente na festa e nas feiras, resgata as formas de se relacionar com a comida ensinadas em seus territórios de origem, o comer e o lócus, ao mesmo tempo que indica a maneira que essas pessoas encontraram para construir sua comunidade e alimentar seus filhos, com todas as mudanças no preparo e transformações “abrasileiradas”. Isso também acontece pela consonância com os modos de vida das pessoas que não são descendentes na comunidade, promovendo uma simbiose de perspectivas na criação do coletivo.

Anna Tsing indica que é a partir das *perturbações* que os ambientes são redesenhados, fundamentando o ciclo das histórias e das paisagens. Nas palavras da autora, “à medida que os organismos criam espaços intergeracionais de vida, eles redesenam o ambiente.” (TSING, 2022, p.240). É a partir das perturbações que a paisagem se consolida até o momento de outra perturbação mudá-la, formando-se, assim, espaços intergeracionais. A imigração japonesa em Mombuca foi uma perturbação que redesenhou a paisagem da região, trazendo perspectivas diferentes, confluindo aos projetos de vida que já existiam lá, os quais se constroem até os dias de hoje. Com isso, o cultivo do lócus e seu consequente consumo na comunidade foi um dos aspectos dessa perturbação na paisagem, consolidando-se ao mesmo tempo como as raízes da herança e uma sustentação para o novo florescer.

Podemos ver a colisão entre o velho e o novo no início de cultivo de lócus de Ikiru. Ao longo de sua vida, Ikiru sempre foi agricultor. Cultivou diversos plantios, principalmente arroz hidropônico, também uma plantação de ambientes alagados. A atual plantação de lócus foi uma herança de seu sogro ao falecer, que já cultivava há décadas. Entretanto, essa herança foi repentina, ele não chegou a aprender com seu sogro todas as

técnicas de manejo do lótus. Logo, Ikiru teve que aprender tudo sozinho, o que ele confessa não ter sido fácil no começo.

Essa história ilustra os espaços intergeracionais na paisagem na medida em que há uma certa tradição na herança dessa plantação. Mesmo com as dificuldades, ele não desistiu dela em todos esses anos, o que envolve seu professor de agronomia – que trouxe o lótus para a região –, a memória de seu pai – que sonhava em cultivar no brejo – e de seu próprio sogro. Assim, a *ancestralidade* de Ikiru é um dos elementos que incita sua empolgação por cultivar lótus. Por outro lado, também está presente o desejo pelo novo, em que Ikiru formula suas próprias técnicas ao ser afetado pela paisagem.

Assim, os ensinamentos ancestrais continuados pela tradição estão presentes nas paisagens com o lótus. Entretanto, a constante releitura dessa tradição pela agência das novas gerações caminha com uma certa invisibilidade para quem observa de fora. Mesmo invisível, essa mistura não deixa de estar presente no fazer-mundo da comunidade. O que é invisível também existe; e como as raízes submersas no lodo, as relações com a ancestralidade sustentam o germinar das mais belas flores.

### **O desabrochar inesperado**

Em minha visita aos campos de lótus de Mombuca em outubro de 2023, algo inesperado aconteceu. Como em meu primeiro olhar para a plantação em 2022, estava frente a quadras de solo encharcado e coberto por folhas baixas, com um senhor quase camuflado entre a lama e os lótus, colhendo suas raízes. Mas, dessa vez, para a minha surpresa, havia algumas flores! Não era a época de floração do lótus, que acontece apenas no verão brasileiro. Ikiru conta que nunca tinha visto isso acontecer antes, em todo seu tempo de cultivo de lótus. Sem explicações precisas, suas suposições são por conta do extremo calor que estava fazendo nos últimos tempos, que inclusive tinha acabado de passar o mês de setembro mais quente já registrado na história do planeta<sup>12</sup>.

Sem querer transferir todo o problema da crise climática global para questões locais, mas apresentando-se como uma boa evidência, um mês depois da Festa da Colheita de 2023, a cidade de Guatapará sediou a 5ª edição da *ExpoForest*, a maior feira florestal

<sup>12</sup> De acordo com a Organização Meteorológica Mundial (WMO), em 2023, setembro ficou 0,93°C acima da média global de todos os setembros anteriores, entre 1991 e 2020. Ver mais em:

<https://public.wmo.int/en/media/news/september-smashes-monthly-temperature-record-record-margin>

dinâmica<sup>13</sup> do mundo, com estimadas 300 empresas expositoras e 40 mil visitantes. Um evento desse porte demonstra os esforços de desenvolvimento econômico e tecnológico para dar suporte e alavancar projetos de escalabilidade, neste caso, da produção de florestas plantadas. São movimentos como esse, em direção ao dito “progresso”, que contribuem para o estado de crise climática e ambiental que enfrentamos hoje.

Anna Tsing (2019) mostra como as *plantations* de cana-de-açúcar coloniais foram os primeiros projetos escaláveis que deram a base para o progresso moderno e capitalista. O formato de “destruição de paisagens nativas, monocultura, latifúndio e trabalho escravizado” era replicado para as diferentes regiões, sem grandes alterações, ao mesmo tempo em que tanto a cana-de-açúcar quanto o trabalho de pessoas escravizadas estavam isolados, alienados de redes de relações, extinguindo a diversidade do encontro. Porém, esses projetos nunca são completamente estáveis, indicando um entrelaçamento entre a escalabilidade e não-escalabilidade, possibilitando que um germine o outro.

De certa forma, as paisagens de cultivo de lótus em Mombuca são frutos também da perturbação histórica de grandes fazendas de monocultura na região. Como foi visto, uma das justificativas dos japoneses se instalarem na região foi justamente o trabalho em um projeto de escalabilidade: a monocultura de café, em um padrão similar ao das *plantations*. Como é a partir da vinda da segunda onda imigratória, influenciada pela primeira, que o lótus constrói um projeto não-escalável<sup>14</sup> na região, podemos inferir neste contexto que a escalabilidade possibilitou paisagens não-escaláveis. É disso que Tsing induz quando afirma que “o mundo de hoje é entrecruzado por tais articulações entre o escalável e o não escalável. Muitos projetos para a vida – humanos ou não – ocorrem nas ruínas dos projetos de escalabilidade” (*Ibid.*, p.189). Entretanto, se por um lado as monoculturas canavieiras influenciaram a existência das plantações de lótus, por outro elas limitam sua sobrevivência<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> Em uma feira florestal dinâmica, as empresas expositoras apresentam máquinas e equipamentos florestais em operação *in loco* para os participantes. Ver mais em: <https://expoforest.com.br/>

<sup>14</sup> Tendo em vista que a escalabilidade de uma paisagem não é estática, mas há níveis de possibilidade de escalar uma realidade, encaro as plantações de lótus em Mombuca com mais atributos não-escaláveis. Por mais que ela tenha sido uma plantação aplicada do exterior para a região, o projeto se adaptou ao contexto. Como indícios disso, temos a forma artesanal de manejo; a existência de uma diversidade significativa (principalmente pela ausência de pesticidas e presença não controlada de outros organismos); etc.

<sup>15</sup> Há um episódio em que, por acidente, um drone da propriedade canavieira pulveriza pesticidas sobre os lótus vizinhos, matando parte da plantação. Isso ocasionou desencontros entre os proprietários.

Com isso, não defendo que as *plantations* e suas formas de mundo são imprescindíveis para essas paisagens; pelo contrário, elas destroem ambientes diversos e seus habitantes em nome da uniformização controlada de existências. Projetos de mundo originais e diversificados – como o das paisagens de lótus – são necessários para a sobrevivência em meio a essa precariedade. Encarando as condições da realidade em que estamos inseridos, afastamo-nos das ideias de um passado completamente destruído ou um futuro apocalíptico, estas que nebulam nossos imaginários. Encarar essa precariedade como uma situação vivível “exige fazer relações inconcebíveis; isto é, exigimos uns dos outros em colaborações e combinações inesperadas, em pilhas de composto quente. Tornamo-nos uns com os outros ou não nos tornamos” (HARAWAY, 2016, p.4).

Nessa direção, Malcom Ferdinand (2022) articula esses problemas climáticos e ambientais junto aos problemas coloniais a partir da *dupla fratura da modernidade*. Para o autor, tem-se a fratura ambiental, em que há uma valorização de tipos a partir das categorias colonialistas eurocêntricas: a valorização da humanidade perante a chamada “natureza”; ao mesmo tempo em que há a fratura colonial, que nesse mesmo jogo de valorização, agora social, possui o colonizador superior ao colonizado; e determinadas raças, gêneros, sexualidades, classes sociais e religiões mais valorizadas que outras.

Assim, a dupla fratura é o entendimento que ambas as fraturas na realidade são fruto do mesmo movimento colonialista antropocêntrico: ao invadir os ambientes, também se subjugou as pessoas. Com isso, essas duas problemáticas estão conectadas, fazendo com que a crítica contra elas seja unificada. Vemos essa conexão no contexto de Mombuca, onde as *plantations* conceberam a comunidade como seu anexo servil, através de trabalhadores rurais pobres, alguns deles imigrantes, e da plantação de uma cultura só.

Assim, as paisagens resultantes dessas duas fraturas também são produtos delas: a comunidade é fruto das correntes ambiental e social; e sua identidade também. Como demonstro neste texto, as paisagens de lótus são co-constituídas por diversos agentes de espécies e ritmos diferentes e são afetadas de forma delimitadora pelas monoculturas circundantes, ao mesmo tempo que possuem influência da ancestralidade da imigração japonesa e da tradição dos brasileiros que já estavam na região. Todos esses elementos contribuem para uma sobrevivência conjunta diante de ambientes precários através de novas formas de florescimento. Ferdinand nos convida a entender que não basta as categorias de “natureza” e “cultura” serem vistas conceitualmente como não opostas, elas

devem ser articuladas entre si na prática, em direção à formação de mundos. Logo, a identidade da comunidade floresce a partir da confluência de experiências de diferentes correntes que fortaleçam o conjunto, suas relações e sua *ecologia*.

O florescimento fortuito nos campos de lótus fora de época ilustra a articulação de como as crises ambientais e o que é chamado de “natureza” implica diretamente no trabalho dos cultivadores, suas relações de comercialização e afetos em torno do lótus e a socialidade da paisagem. Com isso, os desabrochares inesperados, por mais que possam parecer dádivas, revelam contextos mais profundos do problema.



Figura 5 O florescimento fortuito  
Mombuca, outubro de 2023; acervo pessoal

### **As raízes resistentes estão ocultas**

O que é invisível também existe. Quando encaramos uma flor de lótus, realmente não vemos as raízes que permitem ela ficar em pé, mas presumimos que elas existem. Porém, a forma das raízes, esta não é possível imaginar. As redes de rizomas realmente são invisíveis e inesperadas. Neste texto, a partir das minhas experiências etnográficas junto às paisagens de lótus de Mombuca, busquei entender as possibilidades invisíveis e inesperadas de habitar um ambiente precário frente às crises climáticas herdadas do colonialismo, como o da monocultura canavieira. Seguindo os ensinamentos de Krenak,

“estamos vivendo num mundo onde somos obrigados a mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis. Acontece que, nas narrativas de mundo onde só o humano age, essa centralidade silencia todas as outras presenças” (KRENAK, 2022, p.37).

A fim de não silenciar presenças além de humanas e investigando o porquê os agricultores da comunidade cultivam lótus apesar de suas dificuldades de manejo, defendi

que a cocriação de paisagens; a ancestralidade quando vai de encontro com o novo; e os impactos das grandes indústrias agropecuárias; influenciam o fortalecimento da relação dos sujeitos na paisagem, motivando o cultivo da planta. Isso mostra que relações não possuem determinismos unidirecionais, mas uma junção de forças, agências e histórias que se emaranham em direção a construção de um projeto de fazer-mundo autêntico.

Nos movimentos que todos nós – humanos e mais-que-humanos – realizamos ao viver, esbarramos em novos lugares. Ao chegar nesses lugares nos tornamos (ou não) *compartilhantes* na medida em que tenhamos uma relação de pertencimento com os sujeitos existentes de lá. Como pronuncia Antônio Bispo dos Santos (2023):

“Chegamos como habitantes, em qualquer ambiente, e vamos nos transformando em *compartilhantes*. No quilombo, somos compartilhantes, desde que tenhamos nascido aqui ou que tenhamos uma relação de pertencimento. E quando digo da relação de pertencimento com o quilombo, falo de uma relação com o ambiente como um todo, com os animais e as plantas. Somos apenas moradores quando não temos uma relação de pertencimento, quando estamos aqui, mas partimos na primeira possibilidade que tivermos.” (BISPO DOS SANTOS, 2023, p.22)

Nesse sentido, defendo que a partir das motivações de cultivo que tracei neste texto, os cultivadores de Mombuca e os lótus tornaram-se *compartilhantes*, criando uma relação de pertencimento uns com os outros e com o ambiente. Sustento que eles não só moram em Mombuca, eles pertencem a comunidade, possibilitando seu viver em colaboração.

Com isso, este texto não é sobre a visão óptica. É sobre estar senciante com o mundo. Todas as vezes que falo sobre o visível e o invisível, refiro-me a consciência do sentir. O movimento que busquei fazer aqui é um caminho em direção à consciência de que uma paisagem possui diversos elementos invisíveis essenciais para sua constituição. Ao cultivarem os – e juntos aos – lótus, os moradores de Mombuca estão cultivando o invisível, uma vez que engendram seus pressupostos. Ter consciência disso transforma a maneira que nos relacionamos enquanto nos direciona para novos imaginários.

O invisível sustenta mundos, suas relações internas e suas formas de criação. Paisagens como os cultivos de lótus em Mombuca contaminam nossas realidades para um futuro coabitado pela diversidade. Abra seus olhos: já não podemos enxergar todas as raízes que nos sustentam. *Cultivar o invisível* torna-se uma realidade iminente em direção ao germinar de mundos mais férteis.

## Referências

- BISPO DOS SANTOS, Antônio. 2023. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA.
- ELIAS, Denise. 2003. *Globalização e agricultura: a região de Ribeirão Preto, SP*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), vol. 21.
- FERDINAND, Malcom. 2022. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora.
- FIGUEIREDO, Roberta. 2007. *Alterações lipídicas na população nipo-brasileira de Mombuca, Guatapará - SP*. Ribeirão Preto, Dissertação de Mestrado da FMRP-USP.
- GUO, H. B. 2009. *Cultivation of lotus (Nelumbo nucifera Gaertn. ssp. nucifera) and its utilization in China*. China, Genetic Resources and Crop Evolution 56.
- HARAWAY, Donna J. 2016. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press.
- HARAWAY, Donna. 2021. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo.
- KRENAK, Ailton. 2022. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (1983) 1986. “Estruturalismo e Ecologia”. *O olhar distanciado*. Lisboa: Edições 70.
- MINNAERT, Ana Cláudia de S. T. 2018. “A comida na diáspora: um olhar antropológico sobre a comida chinesa em Salvador, Bahia”. *Afro-Ásia*, nº58.
- DA SILVA, Iliane J.; DE OLIVEIRA, Jorge H. C.; DE OLIVEIRA, Lélío L. 2017. “Do café à cana-de-açúcar: o impacto das transformações econômicas nas relações de trabalho na microregião de Ribeirão Preto (SP), entre 1945 e 1985”. *História Econômica & história de empresas*, vol. 20, nº2.
- TANABE, George J. 1989. *The Lotus Sutra in Japanese Culture*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- TSING, Anna L. 2015. “Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras”. *ILHA*, v. 17, n. 1, pp. 177-201.
- TSING, Anna L. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies do Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.
- TSING, Anna L. 2022. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: n-1 edições.
- VIEIRA, Denise C. R. 2020. “Fazenda Guatapará: o berço da imigração japonesa no Estado de São Paulo”. *Saberes Tradicionais e Conhecimentos Científicos nas Ciências Humanas 2*. São Paulo: Editora Atena.
- YÜN, Hsing. 2019. *O que é budismo?* Cotia: Templo Zu Lai.